

Povo deve opinar sobre problemas: DF

O Presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Miguel Alves Pereira, defendeu a criação de um sistema de planejamento urbano para Brasília, com capacidade decisório-administrativa e integrado por representantes da comunidade. Falando ontem no I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, no Senado, sugeriu também a criação do "Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana de Brasília", em termos de convênio entre o GDF e a UnB.

Em sua palestra, Alves Pereira, que é também diretor do Instituto de Arquitetura da UnB, declarou-se preocupado com a crescente desumanização das cidades, nas quais o homem passa a ser apenas um elemento a mais, e não o fundamento da ordem das coisas. Sustentou que Brasília, como a mais avançada proposta urbanística do mundo moderno, pode ser o embrião de um processo que restabeleça a antiga escala de valores, em que as cidades eram feitas para habitar, trabalhar, circular e recrear.

CIDADES ENFERMAS

Partindo dos tempos de Sócrates, que dimensionava como cidade ideal aquela que tivesse praça onde pudesse caber, toda a sua população - "para ouvir minha voz" - o orador sustentou que, ao longo dos anos, as escadas norteadoras da formação das metrópoles foram se modificando, até chegar aos dias atuais, "em que vivemos em pleno caos, com nossas cidades enfermas, mas, felizmente, ainda não o apocalipse".

Miguel Alves Pereira não está ainda convencido das razões que levaram o homem a abandonar as antigas escadas de valores, mais humanistas. Talvez - admite - tal abandono se deva à explosão demográfica, ao avanço da ciência e da tecnologia, à tecnocracia, à voracidade da sociedade de consumo e, até mesmo, ao acaso do pensamento filosófico nos dias atuais.

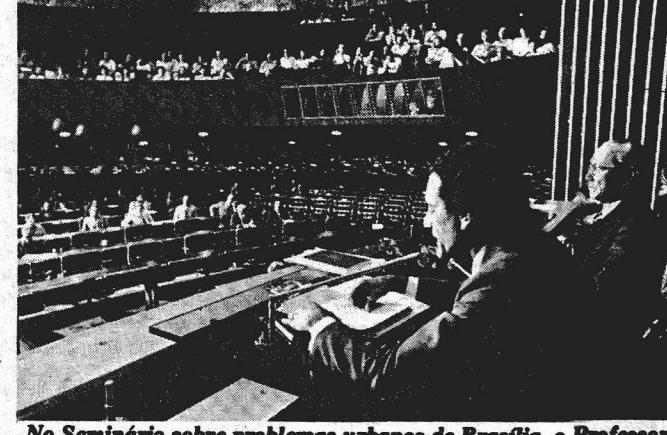
Apesar de tudo, acha que ainda é tempo de corrigir situações. Um passo importante, no seu entender, seria através da educação permanente, tomando por base a escola. No particular, abre um parêntesis para criticar os currículos rígidos do ensino de hoje, "cheios de pre-requisitos e condicionados a trajetórias obsessivamente traçadas", e também ao que chama de indústria dos certificados e dos diplomas, "que permite que muitos de nós sejamos arquitetos pelo diploma e não porque sabemos arquitetura".

EDUCAÇÃO GLOBAL

Contrário à desescolarização, Alves Pereira é de opinião que é preciso pensar na educação de forma mais global, dentro e fora da escola.

Assim, traça como ideal o conjunto de uma educação permanente, institucionalizada, que evoluiria para a educação permanente, fora da escola, e, mais adiante, para a cidade educativa, em que o aprendizado acontecerá na cidade e não na escola.

Para catalisar esse processo, aponta a equipe interdisciplinar do planejamento urbano como solução mais imediatista, situado o planejamento, nesse contexto, como uma aplicação racional do conhecimento humano para o processo de tomada de decisões, tendo em vista utilização ótima de recursos disponíveis, a fim de se obter a maximização dos seus benefícios para a coletividade e partindo do princípio de que a função primeira da cidade de hoje seja a de alinhar a tecnologia com os fins humanos, reduzindo a velocidade, a energia e a quantificação a níveis humanamente assimiláveis e humanamente valiosos.



No Seminário sobre problemas urbanos de Brasília, o Professor Alves Pereira defendeu a criação de um sistema de planejamento com a participação da comunidade

VÍCIOS

No particular, adverte Alves Pereira que a experiência brasileira em planejamento urbano não está consolidada, tanto em termos de metodologia, quanto no que diz respeito a mecanismos institucionais que amparem as atividades de planejamento.

Como exemplo, citou que a ausência de diretrizes específicas, entre nós, tem levado as poucas equipes de planejamento urbano existente a se debaterem nos vícios, metodologias e até mesmo barreiras de linguagem típicas de cada ramo profissional, ressaltando, assim, o desconhecimento de que o planejamento urbano não é, como se supunha, uma extensão da arquitetura ou da economia.

É um novo setor de conhecimento, onde arquitetos, economistas, sociólogos deixam seus diplomas para serem apenas planejadores urbanos".

PESSOAL

Outro fator que, no seu entender, precisa ser corrigido é a falta de recursos humanos para o setor, afirmado, a certa altura, que dos 3.000 técnicos cadastrados no Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, apenas 4 têm o título de mestre na área de planejamento urbano e apenas dois o doutorado na mesma especialização.

Essa situação ganha contornos mais graves, sustenta, quando se sabe, de acordo com estudos da OEA, a demanda de técnicos necessários ao planejamento urbano no Brasil, em 1980, é estimada em mais de 800 especialistas. Contrastando com essa necessidade, as três únicas escolas (São Paulo, Rio Grande do Sul e Guanabara) dos Páis com essa especialidade formam, anualmente, apenas 80 profissionais do ramo.

SUGESTÕES

O Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, ressaltou que Brasília é, sem dúvida, a mais avançada proposta urbanística no mundo moderno.

A "Carta de Atenas" fixava as quatro funções básicas de uma cidade: habitação, trabalho, circulação e recreação. Todos os projetos - menos o de Lúcio Costa - feitos para o concurso de Brasília eram semelhantes. Não havia nenhuma especulação de maior fôlego, em termos de planejamento urbano. Atualmente, tudo o que se tem feito no Brasil, nesse setor, tem como referência a experiência e o laboratório que constitui o Plano de Brasília.

Frisou que "Brasília é uma proposta que deve ser concluída" e que não valem "as reformulações antes de se completar a experiência".

-Mesmo porque - prosseguiu - ela constitui, neste Planalto Central, um verdadeiro baluarte avançado, no sentido da ocupação do nosso território e convoca, por isso, a própria Universidade no comprometimento da formação de recursos humanos para o planejamento urbano. Universidade que deve tomar esta cidade como um laboratório, onde as cobaias devem ser muito respeitadas. É preciso descobrir

para esse elenco de vidas humanas uma qualidade capaz de estar à altura da ainda Capital do Século.

O professor Miguel Alves Pereira sugeriu à Comissão Nacional de Política Urbana, recém-criada e em processo de implantação, a inclusão de um representante do Ministério da Educação e Cultura. Entende que este Ministério tem todas as condições para formar os recursos humanos para o planejamento urbano em todos os níveis.

Quanto a Brasília, para que possamos pensar em seu futuro e aceitar a herança outorgada por Lúcio Costa, é necessário que, dentre as tantas sugestões apresentadas neste Seminário, seja adotada aquela que prevê um sistema de planejamento a nível técnico, decisório-administrativo. Neste sistema, seria criado o Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana de Brasília, em termos de convênio entre o Governo do DF e a UnB.

RESPONSABILIDADES

Concluindo, Alves Pereira vinculou Brasília, como obra, a Lúcio Costa, seu criador, acen-tuando que as lágrimas por ele derramadas na sessão de abertura do simpósio foram uma forma de protesto contra "a insensatez das cirurgias urbanas que se tem praticado na cidade, a qual só sobrevive graças à envergadura e ao extraordinário fôlego da proposta urbanística que representa".

Sustentou, propósito, que o verbo de Lúcio Costa outorgou aos habitantes a extrema responsabilidade de assumir o futuro de Brasília. Por isso, entende o Seminário como o embrião de um verdadeiro esforço conjugado, em que população, técnicos e administração construam efetivamente um processo civilizatório no Planalto Central.

DEBATE

Respondendo a indagação do Sr. Luiz Carlos Portilho, Consultor Jurídico do Ministério das Comunicações, sobre se havia planos para aumentar para seis pavimentos o gabarito dos edifícios da W/3, o Prof. Miguel Alves Pereira informou que o Instituto de Arquitetos do Brasil não recebeu, oficialmente, qualquer convite para discutir a modificação do Código de Obras de Brasília.

Afirmou o conferentista que o IAB, pelo largo acervo de contribuições técnicas e culturais dado ao País, não poderia "aceitar ao léu, pela imprensa", convite naquele sentido, aduzindo que, projeto dessa natureza, provocaria o adensamento demográfico, com todas as suas consequências, opinando por sua inconveniência.

Ao responder pergunta do arquiteto Ricardo de Aratnha sobre a criação de uma Faculdade de Planejamento Urbano, na UnB, informou que tal iniciativa já está nas cogitações da Universidade. Mas, ao invés de Faculdade, cogita-se de criar o Centro Nacional de Formação de Recursos Humanos para o Planejamento Urbano e Administrativo Municipal, a nível de graduação e pós-graduação.